

FOLHA  
EXPLICA

Psicologia

## A ADOLESCÊNCIA

CONTARDO CALLIGARIS

A adolescência é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Mito criado no início do século 20, é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e os próprios adolescentes se contemplam.

Eles amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro da família moderna. E precisam, ainda, lutar com a adolescência, uma entidade enigmática, sustentada pela imaginação de todos.

*Contardo Calligaris é doutor em psicologia clínica e psicanalista. Assina uma coluna semanal na Folha de S.Paulo.*



PUBLIFOLHA

FOLHA  
EXPLICA

São Gabriel

## A ADOLESCÊNCIA

CONTARDO CALLIGARIS

N.Cham 159.922.8 C158a

Autor: Calligaris, Contard

Título: A adolescência.



0002455515

Ac. 264172

SG PUC Minas

Nº Pat.:2005

© 2000 Publifolha – Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A.  
© 2000 Contardo Calligaris

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem permissão expressa e por escrito da Publifolha – Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A.

Editor  
Arthur Nestrovski

Capa e projeto gráfico  
Sílvia Ribeiro

Assistente de projeto gráfico  
Marilisa von Schmaedel

Revisão  
Mário Vilela

Editoração eletrônica  
Picture



Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calligaris, Contardo  
A adolescência / Contardo Calligaris. – São Paulo :  
Publifolha, 2000. – (Folha explica)

Bibliografia.  
ISBN 85-7402-215-2

1. Adolescência 2. Adolescentes – Conduta de vida  
3. Psicologia do adolescente I. Título. II. Série.

00-2129 CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:  
1. Adolescência : Psicologia 155.5  
2. Psicologia do adolescente 155.5

## PUBLIFOLHA

Divisão de Publicações do Grupo Folha

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 40, 11º andar, CEP 01210-010, São Paulo, SP  
Tels.: (11) 3351-6341/6342/6343/6344 – Site: [www.publifolha.com.br](http://www.publifolha.com.br)

Os leitores interessados em fazer sugestões podem escrever para Publifolha no endereço acima, enviar um fax para (11) 3351-6330 ou um e-mail para [publifolha@uol.com.br](mailto:publifolha@uol.com.br)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. ELEMENTOS DE DEFINIÇÃO .....	11
2. "O QUE ELES ESPERAM DE MIM?" .....	23
3. "COMO CONSEGUIR QUE ME RECONHEÇAM E ADMITAM COMO ADULTO?" .....	31
4. A ADOLESCÊNCIA COMO IDEAL CULTURAL .....	55
PEQUENA BIBLIOGRAFIA COMENTADA .....	75

## INTRODUÇÃO

**U**m adolescente um pouco sem rumo, estranhando seu próprio comportamento, paradoxalmente desafiador e arrependido, pára você na rua e fala: “Estou só passando por uma fase agora. Todo o mundo passa por fases, não é?” Alguém talvez reconheça sua voz. É Holden, o herói do romance *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J.D. Salinger.

Aproveitando-se da situação, atrás e ao lado dele se aglomeram pais e mães de adolescentes. Eles também perguntam: “Então, é assim? Vai passar? É só uma fase?”

Resposta de bolso, caso Holden e os pais o parem na rua: “Não. Não é apenas uma fase. Por isso, nada garante que passe”.

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz

hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial.<sup>1</sup>

A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.

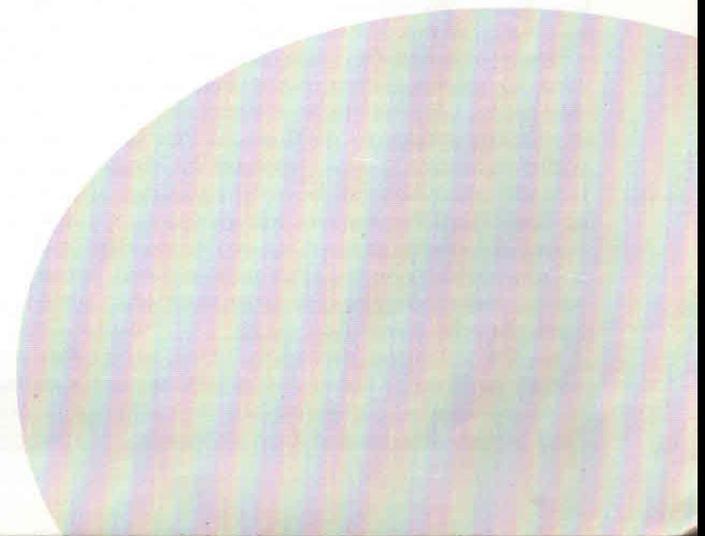
Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem.

Objeto de admiração e <sup>A</sup>ojeriza, ela é um poderoso argumento de marketing e, ao mesmo tempo, uma fonte de desconfiança e repressão preventiva.

A Holden e aos pais pode-se responder, assim, que os jovens de hoje chegaram à adolescência numa época que alimenta uma espécie de culto desse tempo da vida. E caberia, então, tentar explicar como isso nos afeta a todos.

<sup>1</sup> Cf. Bibliografia, I.

## 1. ELEMENTOS DE DEFINIÇÃO



## A ADOLESCÊNCIA COMO MORATÓRIA

**I** magine que, por algum acidente, você seja transportado, de uma hora para outra, a uma sociedade totalmente diferente. Digamos que o avião no qual você estava sobrevoando um canto recôndito da Amazônia teve uma dificuldade técnica. O piloto conseguiu aterrissar, mas o aparelho está destruído. Não há como esperar socorro, nem como sair do fundo selvagem da floresta. Por sorte, uma tribo de índios que nunca encontraram homens modernos, mas que são relativamente bem-humorados, adota você e seus amigos. Será necessário, imaginemos, 12 anos para que vocês se entrossem com os usos e costumes de sua nova tribo — desde a linguagem até o entendimento dos valores da sociedade em que aparentemente vocês viverão o resto de seus dias.

Os 12 anos passaram. Você agora fala correntemente a língua, conhece as leis e regras de sua nova tribo, na verdade se sente um deles. Entre as coisas que você aprendeu, está o fato evidente de que, nessa so-

cidade, é importante sobressair e adquirir destaque. E, para se destacar, há principalmente dois campos, seja você homem ou mulher: a pesca com o arpão e as serenatas de berimbau. Em outras palavras, nessa sociedade é bom e necessário ser um excelente pescador com o arpão e tocar magistralmente o berimbau-de-boca. Quem melhor pesca e toca — todos percebem — é claramente muito mais feliz do que os outros.

Você está muito satisfeito com isso. Pois, durante os 12 anos, você olhou, imitou e aprendeu. Você na verdade se acha e talvez seja mesmo ótimo na pesca com o arpão — pelos anos na selva, seu corpo está treinado, forte e rápido — e está prestes a desafiar qualquer um numa serenata de berimbau.

Nessa altura, os anciões da tribo lhe comunicam o seguinte: talvez você tenha tamanho e perícia suficientes para encarar tanto um surubim de dois metros quanto um berimbau dos mais sofisticados, mas é melhor esperar mais dez anos antes de vir fazer propriamente parte da tribo e, portanto, competir de igual para igual com os outros membros. Naturalmente, os anciões acrescentarão que esse “pequeno” atraso é inteiramente para seu bem. Eles amam você e por isso querem que ainda por um tempo você seja protegido dos perigosíssimos surubins que andam por aí. Isso sem falar dos berimbaus...

Portanto, você vai poder se preparar melhor ainda para o dia em que será enfim reconhecido como membro da tribo. Que tudo isso, acrescentarão também os anciões, não constitua frustração nenhuma, pois na verdade a tribo inteira considera que você tirou a sorte grande e que os ditos dez anos serão os mais felizes de sua existência. Você — acrescentam eles — não terá as pesadas responsabilidades dos membros da tribo. Ao mesmo tempo, poderá pescar e tocar berimbau à von-

tade – será apenas como treino, de brincadeira, mas justamente por isso serão atividades despreocupadas.

Agora, seriamente, como você acha que encararia o anúncio e a perspectiva desses dez anos de limbo? Logo agora que você achava que seu berimbau ia seduzir qualquer ouvido e sua destreza transfixar peixes de olhos quase fechados...

É bem provável que você passasse por um leque variado de sentimentos: raiva, ojeriza, desprezo e enfim rebeldia. Se houvesse uma tribo inimiga, seria o momento de considerar uma traição. No mínimo, você voltaria a se agrupar com os companheiros do avião, que talvez você tivesse perdido de vista e que agora estariam lidando com a imposição da mesma moratória. Juntos, vocês acabariam constituindo uma espécie de tribo na tribo, outorgando-se mutuamente o reconhecimento que a sociedade parece temporariamente negar a vocês todos. Vocês se afastariam de suas famílias (adotivas, no caso) e viveriam no e pelo grupo, onde se sentem tratados como homens e mulheres de verdade. Circulando em grupo, impondo sua presença rebelde pelas ruas da aldeia – se possível nas horas menos adequadas –, vocês seriam fonte de preocupação e medo, objeto de repressão e, quem sabe, de inveja.

Pois bem: o que acontece com nossos adolescentes é parecido com o destino dos aeronáufragos dessa pequena história. Ao longo de mais ou menos 12 anos, as crianças, por assim dizer, se integram em nossa cultura e, entre outras coisas, elas aprendem que há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social. Em outras palavras, elas aprendem que há duas qualidades subjetivas

que são cruciais para se fazer valer em nossa tribo: é necessário ser desejável e invejável.

Enfim, esse aprendizado mínimo está solidamente assimilado. Seus corpos, que se tornaram desejantes e desejáveis, poderiam lhes permitir amar, copular e gozar, assim como se reproduzir. Suas forças poderiam assumir qualquer tarefa de trabalho e começar a levá-los na direção de invejáveis sucessos sociais. Ora, logo nesse instante, lhes é comunicado que não está bem na hora ainda.

Em primeira aproximação, eis então como começar a definir um adolescente.<sup>2</sup> Inicialmente, é alguém

1. que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade (por exemplo, no nosso caso: destaque pelo sucesso financeiro/social e amoroso/sexual);

2. cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;

3. para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória.

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adul-

<sup>2</sup> Em todo o texto, quando falamos do "adolescente" sem mais especificar, entendemos a palavra como substantivo neutro. Salvo indicação explícita do contrário, nossas afirmações valem, portanto, para ambos os sexos.

tos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.

Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência.

Esse fenômeno é novo, quase especificamente contemporâneo. É com a modernidade tardia (com o século que mal acabou) que essa moratória se instaura, se prolonga e se torna enfim mais uma idade da vida.

### A ADOLESCÊNCIA COMO REAÇÃO E REBELDIA

A imposição dessa moratória já seria razão suficiente para que a adolescência assim criada e mantida fosse uma época da vida no mínimo inquietada.

Afinal, não seria estranho que moças e rapazes nos reservassem alguma surpresa desagradável, uma vez impedidos de se realizar como seus corpos permitiriam, não reconhecidos como pares e adultos pela comunidade, logo quando passam a se julgar enfim competitivos.

Pensem de novo em como vocês reagiriam na hipotética tribo: mesmo supondo que evitassem decisões drásticas (cair fora, entrar em guerra aberta com os anciões, trair a tribo etc.), é presumível que passariam por um período de contestação aguda. Começariam a pescar com dinamite e a tocar teclado eletrônico em vez de berimbau. Inventariam e tentariam impor (eventualmente à força) meios de obter reconheci-

mento totalmente inéditos para a tribo. Essas são apenas sugestões benignas.

Ora, o caso dos jovens modernos é bem pior do que o destino dos aeronáufragos na hospitaleira tribo da selva amazônica. Pois, além de instruir os jovens nos valores essenciais que eles deveriam perseguir para agradar à comunidade, a modernidade também promove ativamente um ideal que ela situa acima de qualquer outro valor: o ideal de independência. Instigar os jovens a se tornarem indivíduos independentes é uma peça-chave da educação moderna. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que viver e se afirmar como independente, autônomo — como os adultos dizem que são.

Isso torna ainda mais penoso o hiato que a adolescência instaura entre aparente maturação dos corpos e ingresso na vida adulta. Apesar da maturação dos corpos, a autonomia reverenciada, idealizada por todos como valor supremo, é reprimida, deixada para mais tarde.

Desde já vale mencionar que a desculpa normalmente produzida para justificar a moratória da adolescência é problemática. Pretende-se que, apesar da maturação do corpo, ao dito adolescente faltaria maturidade. Essa idéia é circular, pois a espera que lhe é imposta é justamente o que o mantém ou torna inadaptado e imaturo.

Não é difícil verificar que, em épocas nas quais essa moratória não era imposta, jovens de 15 anos já levavam exércitos à batalha, comandavam navios ou simplesmente tocavam negócios com competência.

O adolescente não pode evitar perceber a contradição entre o ideal de autonomia e a continuação de sua dependência, imposta pela moratória.

## A ADOLESCÊNCIA IDEALIZADA

Tal contradição torna-se ainda mais enigmática para o adolescente na medida em que essa cultura parece idealizar a adolescência como se fosse um tempo particularmente feliz. Como é possível? Se o adolescente é privado de autonomia, se é afastado da realização plena dos valores cruciais de nossa cultura, como pode essa mesma cultura imaginar que ele seja feliz?

O adolescente poderia facilmente concluir que essa idealização da época da vida que ele está atravessando é uma zombaria que agrava sua insatisfação. Ele certamente tem direito de se irritar com isso: é difícil entender por que os adultos (que em princípio deveriam conhecer a adolescência, por terem passado por aí em algum momento) achariam graça nessa época da vida ou a lembrariam com nostalgia. Tentaremos explicar essa idealização, sobretudo no Capítulo 4. Mas, seja como for, o adolescente vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo, fazer barulhentosamente de conta.

Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa.

## DURAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

O começo da adolescência é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade. Trata-se, em outras palavras, de uma transformação substancial do corpo do jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto. Querendo circunscrever a adolescência no tempo, como idade da vida, chega-se facilmente a um consenso no que concerne ao seu começo. Ele é decidido pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais. Alguns dirão que a adolescência propriamente dita começa um ou dois anos depois da puberdade, pois esse seria o tempo necessário para que, de alguma forma, o estorvo fisiológico se transformasse numa espécie de identidade adolescente consolidada. Outros dirão, ao contrário, que a adolescência começa antes da puberdade, pois esta é antecipada pela adoção precoce de comportamentos e estilos de adolescentes mais velhos. Seja como for, a puberdade — ano a mais, ano a menos — é a marca que permite calcular o começo da adolescência.

Quando a adolescência começou a ser instituída por nossa cultura e, logicamente, apareceram as complicações sociais e subjetivas produzidas pela invenção dessa moratória, pensou-se primeiro que a causa de toda dificuldade da adolescência fosse a transformação fisiológica da puberdade. A adolescência, em suma, seria uma manifestação de mudanças hormonais, um processo natural.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Cf. Bibliografia, I, em particular os comentários à obra de Stanley G. Hall.

De fato, a transformação trazida pela puberdade é considerável. Tanto do ponto de vista fisiológico quanto da imagem de si que deve se adaptar a essa mudança. Basta lembrar a chegada dos desejos sexuais (que já existiam, mas que são agora reconhecidos como tais pelos próprios sujeitos) e, aos poucos, a descoberta de uma competição possível com os adultos, tanto na sedução quanto no enfrentamento.

Mas essas mudanças só acabam constituindo um problema chamado adolescência na medida em que o olhar dos adultos não reconhece nelas os sinais da passagem para a idade adulta.

O problema então não é: "Quando começa a adolescência?", mas: "Como se sai da adolescência?"

O equivalente da adolescência, em outras culturas, é um rito de iniciação, eventualmente acompanhado de algumas provas. Por mais duras que possam ser, elas serão sempre mais suportáveis do que a indefinida moratória moderna. Aliás, em nossa hipotética tribo amazônica, na verdade os anciões nunca imporiam uma espera indefinida de dez anos ou mais. Eles poderiam exigir que vocês lutassem corpo a corpo com o rei dos surubins gigantes, por exemplo. Ou então que levassem 15 berimbauzadas na cabeça.

Mas, para que fosse possível uma iniciação à vida adulta, com uma prova designada, seria necessário que se soubesse o que define um homem ou uma mulher adultos. Essa definição, na cultura moderna ocidental, fica em aberto. Adulto, por exemplo, é quem consegue ser desejável e invejável. Como saber então quanto desejo e quanta inveja é preciso levantar para ser admitido no Olimpo dos "grandes"? Portanto, fica também em aberto a questão de quais provas seriam necessárias para que um adolescente merecesse se tornar um adulto.

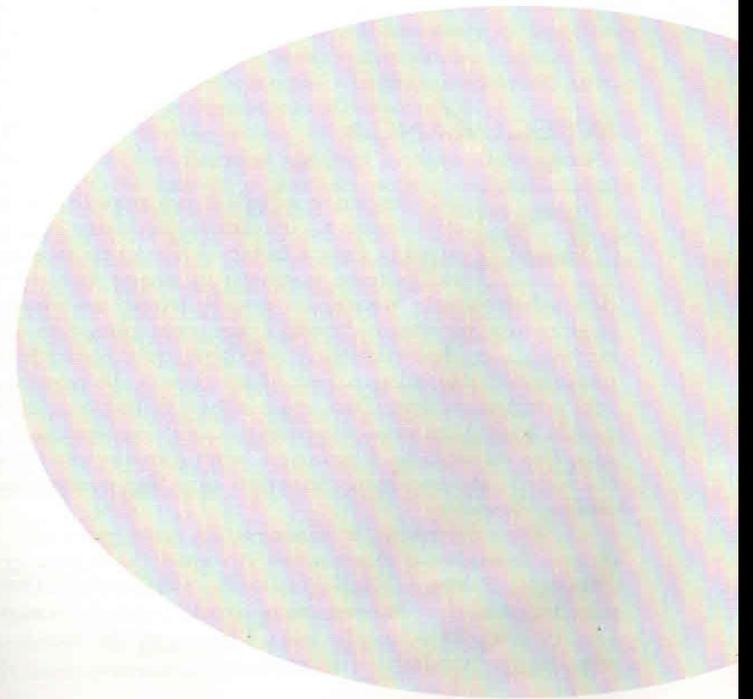
De certa forma, a moratória da adolescência é o fruto dessa indefinição. Numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto.

Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto. O critério simples da maturação física é descartado. Falta uma lista estabelecida de provas rituais. Só sobram então a espera, a procrastinação e o enigma, que confrontam o adolescente — este condenado a uma moratória forçada de sua vida — com uma insegurança radical em que se agitam questões que correspondem aos próximos capítulos: "O que eles esperam de mim?", "Como conseguir que me reconheçam e admitam como adulto?", "Por que me idealizam?"

Voltando à pequena lista de elementos definitórios exposta acima, no final da seção "A Adolescência Como Moratória", acrescentemos, concluindo, que o adolescente é também alguém:

4. cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta;
5. que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos;
6. que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência.

2. "O QUE ELES  
ESPERAM DE MIM?"



## INSEGURANÇA



O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas. Essa segurança perdida deveria ser compensada por um novo olhar dos mesmos adultos, que reconhecesse a imagem púbere como sendo a figura de outro adulto, seu par iminente. Ora, esse olhar falha: o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento que lhe pareceria, nessa altura, devido.

Ao contrário, a maturação, que, para ele, é evidente, invasiva e destrutiva do que fazia sua graça de criança, é recusada, suspensa, negada. Talvez haja maturação, lhe dizem, mas ainda não é maturidade. Por conseqüência, ele não é mais nada, nem criança amada, nem adulto reconhecido.

O que vemos no espelho não é bem nossa imagem. É uma imagem que sempre deve muito ao olhar dos outros. Ou seja, me vejo bonito ou desejável se tenho razões de acreditar que os outros gostam de mim ou me desejam. Vejo, em suma, o que imagino que os outros vejam. Por isso o espelho é ao mesmo tempo tão tentador e tão perigoso para o adolescente: porque gostaria muito de descobrir o que os outros vêem nele. Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio.

Parado na frente do espelho, caçando as espinhas, medindo as novas formas de seu corpo, desejando e ojerizando seus novos pêlos ou seios, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência.

Grande parte das dificuldades relacionais dos adolescentes, tanto com os adultos quanto com seus coetâneos, deriva dessa insegurança. Tanto uma timidez apagada quanto o estardalhaço maníaco manifestam as mesmas questões, constantemente à flor da pele, de quem se sente não mais adorado e ainda não reconhecido: será que sou amável, desejável, bonito, agradável, visível, invisível, oportuno, inadequado etc.?

## INTERPRETAR OS ADULTOS

O adolescente, portanto, se lança numa interrogação que durará o tempo (indefinido) de sua adolescência

e que consiste em se perguntar o que será que os adultos querem e esperam dele. Ou seja, qual seria o requisito para conquistar uma nova dose do amor dos adultos que ele estima ter perdido junto com a infância. Qual seria o gesto necessário para redirecionar o olhar adulto, que parece ter-se desviado. Qual o atributo que garantiria, enfim, que ele fosse reconhecido entre "os grandes".

Infelizmente (pois sem isto tudo seria mais fácil), nessa tentativa o adolescente não pode se confinar a uma simples adesão ao que os adultos parecem explicitamente esperar dele e desejar para ele. Pois os adultos se contradizem. Parecem negar a óbvia maturação de seu corpo e lhe pedir que continue criança; e tentam mantê-lo numa subordinação que contrasta com os valores que eles mesmos lhe ensinaram.

Querem que ele seja autônomo e lhe recusam essa autonomia. Querem que persiga o sucesso social e amoroso e lhe pedem que postergue esses esforços para "se preparar" melhor. É legítimo que o adolescente se pergunte: "Mas o que eles querem de mim, então? Querem (segundo eles dizem) que eu aceite esta moratória, ou preferem, na verdade, que eu desobedeça e afirme minha independência, realizando assim seus ideais?"

Será que os próprios adultos sabem? Aparentemente não: a adolescência assume assim a tarefa de interpretar o desejo inconsciente (ou simplesmente escondido, esquecido) dos adultos.

O pensamento é mais ou menos o seguinte: "Os adultos querem coisas contraditórias. Eles pedem uma moratória de minha autonomia, mas o resultado de minha aceitação é que eles não me amam mais como uma criança, nem reconhecem como um par esta 'coisa' na qual eu me transformei. Talvez, para ganhar seu amor e seu reconhecimento, eu não deva então seguir à

risca suas indicações e seus pedidos, mas descobrir qual é de fato o desejo deles, atrás do que dizem que querem. Em suma: de fato (e não só em suas recomendações pedagógicas), qual é o ideal dos adultos, para que eu possa presenteá-los com isso e portanto ser por eles enfim amado e reconhecido como adulto?"

Em geral, o adolescente é ótimo intérprete do desejo dos adultos. Mas o próprio sucesso de suas interpretações produz fatalmente o desencontro entre adultos e adolescentes. Pois se estabelece um fantástico quiproquó: o adolescente acaba eventualmente atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto. Mas acontece que esse desejo não era reprimido pelo adulto por acaso. Se reprimiu, foi porque queria esquecer-lo. Por consequência, o adulto só pode negar a paternidade desse desejo e se aproveitar da situação para reprimi-lo ainda mais no adolescente.

Um caso simples e crucial: a idealização do que está fora da lei é própria à cultura moderna. O individualismo de nossa cultura preza acima de tudo a autonomia e a independência de cada sujeito. Por outro lado, a convivência social pede que se traguem doses cavalares de conformismo. Para compensar essa exigência, a idealização do fora-da-lei, do bandido, tornou-se parte integrante da cultura popular. Gângsteres, *cowboys*, malandros literários, televisivos ou cinematográficos seguem entretendo nossos sonhos. Eventualmente (mas não necessariamente) essa idealização é acompanhada por algum tipo de justificativa moral. Por exemplo, Robin Hood está à margem da lei, mas isso porque o xerife de Nottingham é um usurpador ilegítimo. Ou seja, Robin Hood se situa contra e acima da lei em nome de uma justiça superior a ela. Mas essa artimanha parece cada vez menos necessária: nas últimas décadas

(justamente quando apareceu e vingou a adolescência), a marginalidade e a delinqüência são cada vez mais glorificadas pela cultura popular. Prova de um sonho adulto bem presente e bem reprimido.

Não é difícil, portanto, ao adolescente interpretar o conformismo ou mesmo o “legalismo” dos adultos como sintomas de um desejo que sonha mesmo com transgressões e infrações e que (supõe o adolescente) preferiria portanto um filho malandro a um “mauricinho babaca”.

Para chegar a essa conclusão, o adolescente não precisa de muito esforço, pois a cultura popular também idealiza a própria adolescência rebelde.

Esse é um sonho ou uma nostalgia explícita dos mesmos adultos que pedem obediência e conformidade aos adolescentes e sempre lembram o que aconteceu com Chapeuzinho Vermelho por ter desobedecido à mãe, mas que na verdade se extasiavam com uma longa série de apologias da revolta dos jovens, desde *Juventude Transviada* até *Kids*.<sup>4</sup>

Em suma, o adolescente é levado inevitavelmente a descobrir a nostalgia adulta de transgressão, ou melhor, de resistência às exigências antilibertárias do mundo. Ele ouve, atrás dos pedidos dos adultos, um “Faça o que eu desejo e não o que eu peço”. E atua em conseqüência.

Essa interpretação do desejo dos adultos pelo adolescente não é só facilitada ou induzida pela cultura popular, que oferece à leitura de todos uma espécie de repertório social dos sonhos e dos ideais. Mesmo sem essa facilitação, as propriedades básicas do desejo moderno levariam o adolescente às mesmas conclusões de fundo. Pelo seguinte caminho:

<sup>4</sup> Cf. Bibliografia, II.

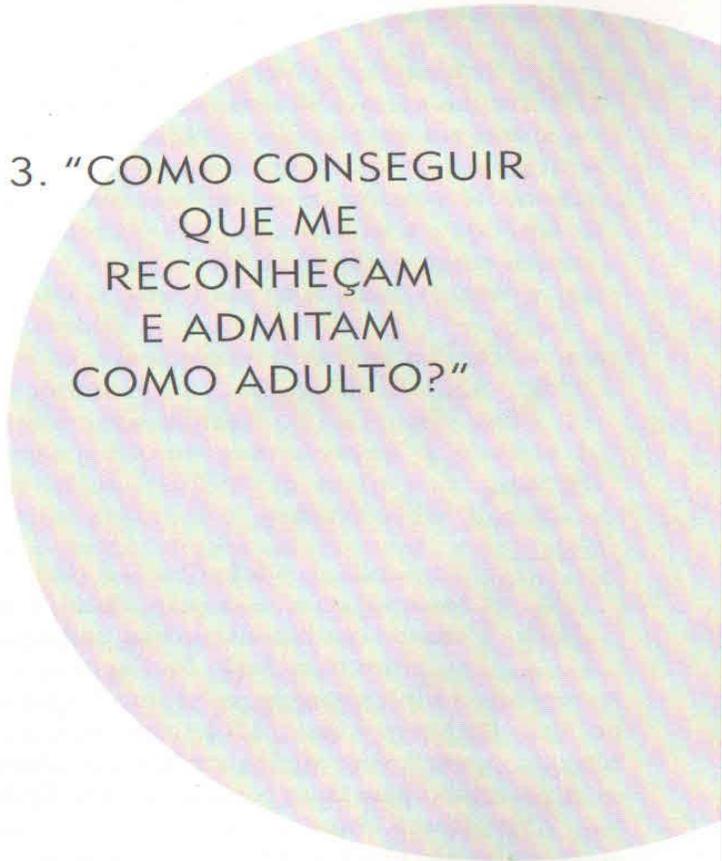
1. Uma cultura em que a autonomia e a independência são os valores centrais e mais exaltados só pode se transmitir por um duplo vínculo, ou seja, por uma consignação paradoxal e contraditória. A virtude essencial que deve ser ensinada é, com efeito, a capacidade de desobedecer. Portanto, obedecer é desobedecer. Mas – complicação – quem desobedece está obedecendo. Difícil tanto obedecer quanto seu contrário.

2. Na sociedade pré-moderna, a divisão social era relativamente pacífica, estabelecida. Hoje, a divisão social é móvel e a posição de cada um depende, em princípio, do reconhecimento dos outros que se consegue ou não. É normal que ninguém esteja satisfeito com sua situação e que cada um tente melhorá-la. O adulto moderno transmite ao adolescente não um estado onde ele poderia se instalar como se herdasse uma moradia, mas uma aspiração. Mais do que isso: ele transmite a seu rebento a ambição de não repetir a vida e o status dos adultos que o engendraram. Ou seja, de desrespeitar suas origens, de não se conformar, de se destacar.

3. Apesar disso tudo, os adultos devem também transmitir ao adolescente as regras da conformidade social, necessária para que ele não seja simplesmente inadaptado. Ora, essa transmissão inevitável de princípios morais e valores prezados pelo consenso social aparece ao adolescente como prova da covardia, do oportunismo e do fracasso dos adultos. Se eles prezam a exceção, porque se dobram a rogar a conformidade? A autoridade do adulto é assim minada, pois todos os valores positivos parecem emanar da resignação ao fracasso, de um desejo frustrado de rebeldia ou de unicidade. Quanto mais o adulto tenta se constituir como autoridade moral, tanto mais se qualifica como hipócrita, porque a cultura (e ele junto com ela) promove como ideal aquele que faz exceção à norma.

4. Quanto mais o adulto se manifesta rigoroso e quer impor sua autoridade recorrendo a uma tradição, tanto mais ele a enfraquece e se enfraquece com ela. Esse recurso, portanto, passa a produzir cada vez mais revolta por aparecer sempre, em nossa cultura, como hipócrita. Ou seja, como repressão exercida contra o inconfessável de nossos sonhos.

5. O adolescente é levado a concluir que o adulto quer dele revolta. E a repressão só confirma nele essa crença, apenas acrescentando a constatação de que o adulto repressor é hipócrita.



3. "COMO CONSEGUIR  
QUE ME  
RECONHEÇAM  
E ADMITAM  
COMO ADULTO?"

**A**

finalidade da adolescência é clara: o adolescente quer se tornar adulto. Podemos manter essa hipótese inicial, embora, como veremos (conclusão do Capítulo 4), nessa empreitada o adolescente encontre uma surpresa. Mas, por ora, constatemos que o adolescente quer ser reconhecido como sujeito adulto, um par dos adultos. Ele quer permissão para fazer parte da comunidade.

O problema, como observamos antes, é que para ser reconhecido ele parece ter que transgredir. Para ser amado, para preencher as expectativas do desejo dos adultos, é necessário, paradoxalmente, não se conformar ao que os mesmos adultos explicitamente pedem. Transgredir também não é nada fácil. Não é suficiente atender às expectativas implícitas e faltar com as explícitas. Como já observamos, o adolescente se encontra entregue a problemas lógicos complicados.

Se o imperativo cultural dominante é “Desobedece!”, “Prova tua autonomia!”, então desobedecer

pode ser uma maneira de obedecer. E obedecer, quem sabe, talvez seja o jeito certo de não se conformar.

Essa complicação insolúvel introduz um leque de transgressões que vai desde um conformismo inesperado (o cúmulo da transgressão nesse caso consiste em voltar a uma cultura que não faria a apologia da transgressão) até uma espécie de arrematação infinita, em que não se sabe mais qual lance encontrar que constitua uma transgressão suficiente.

Não há como tentar uma lista mesmo sucinta dos comportamentos e estilos pelos quais os adolescentes pedem sua admissão à sociedade adulta. Na mesma época em que parece vingar o pesadelo do predador urbano, também aparecem jovens que coletivamente abjuram as seduções do mundo, se engajam a chegar virgens ao casamento e se vestem como missionários. A variedade de escolhas morais não é menor: desde o cinismo criminoso até a piedade mais solidária.

O fato é que a adolescência é uma interpretação de sonhos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele. O adolescente pode encontrar e construir respostas muito diferentes a essa investigação. As condutas adolescentes, em suma, são tão variadas quanto os sonhos e os desejos reprimidos dos adultos. Por isso elas parecem (e talvez sejam) todas transgressoras. No mínimo, transgridem a vontade explícita dos adultos.

O adolescente, na procura de reconhecimento, é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos onde, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria se integrar. Pois o que lhe é proposto é tentar, ou melhor, forçar, sua integração justamente se opondo às regras da comunidade.

As mil e uma condutas que um adolescente pode escolher para tentar obter o reconhecimento dos adultos têm, portanto, uma coisa em comum, além do caráter difícil, senão desesperado, do empreendimento. Trata-se do sentimento dos adultos de que a adolescência é uma espécie de patologia social ou, no melhor dos casos, um lugar onde as patologias psíquicas e sociais seriam endêmicas e epidêmicas.

O comportamento adolescente é considerado no mínimo anormal, por parecer (e de fato ser) transgressivo, quando comparado ao padrão adulto (o padrão confesso dos adultos).

Os adolescentes são facilmente considerados uma ameaça à ordem estabelecida e à paz familiar.

Os adultos receiam as irrupções transgressivas que os adolescentes podem escolher como maneiras de se afirmar. Mas, sobretudo, os adultos sabem confusamente que o que há de mais transgressor nos adolescentes é a realização de um desejo dos adultos, que estes pretendiam reprimir e esquecer. Se a adolescência é uma patologia, ela é então uma patologia dos desejos de rebeldia reprimidos pelos adultos.

A vida real dos adolescentes (da grande maioria deles) pode ter pouco a ver com as figuras dessa patologia. Mas elas são cruciais, por duas razões.

Primeiro, descrever e tentar explicar os comportamentos extremos dos adolescentes é a melhor maneira de situar os monstros que enfrenta também o adolescente aparentemente "normal" – embora ele os enfrente de maneira mais bem-sucedida. Pais e adolescentes conseguem a cada dia negociar acordos viáveis. Mas, por isso mesmo, o drama da adolescência, com o qual conseguem lidar, aparece mais claramente quando sua violência atropela seus atores.

Segundo, a adolescência não é só o conjunto das vidas dos adolescentes. É também uma imagem ou uma série de imagens que muito pesa sobre a vida dos adolescentes. Eles transgridem para ser reconhecidos, e os adultos, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência. Elas podem estar entre o sonho (afinal, o adolescente é a atuação de desejos dos adultos), o pesadelo (são desejos que estariam melhor esquecidos) e o espantinho (são desejos que talvez voltem para se vingar de quem os reprimiu).

Essas visões – embora sempre extremas – são também as linhas segundo as quais de fato se organiza o comportamento dos adolescentes em sua procura de reconhecimento. São ao mesmo tempo concreções da rebeldia extrema dos adolescentes e sonhos, pesadelos ou espantinhos dos adultos. Por isso, são chaves de acesso à adolescência. Destaco cinco: o adolescente gregário, o delinqüente, o toxicômano, o adolescente que se enfeia e o adolescente barulhento. \*

## O ADOLESCENTE GREGÁRIO

O adolescente, descobrindo que a nova imagem projetada por seu corpo não lhe vale "naturalmente" o estatuto de adulto, é acuado a agir.

A primeira ação – em resposta à falta do reconhecimento que ele esperava dos adultos – consiste em procurar novas condições sociais, em que sua admissão como cidadão de pleno direito não dependa mais dos adultos e, portanto, não seja mais sujeita à moratória. O adolescente transforma assim sua faixa etária num grupo social, ou então num conglomerado de grupos sociais dos quais os adultos são excluí-

dos e em que os adolescentes podem mutuamente se reconhecer como pares.

Contrariamente às crianças, os adolescentes em geral considerarão que sua verdadeira comunidade não é a família. Isso não é propriamente um efeito da freqüente desagregação dos núcleos familiares (esvaziamento das casas onde todos trabalham, ou separação dos pais). É o inverso: a crise da família revela de fato que os próprios adultos estão tomados por pruridos adolescentes, com ânsia de rebeldias e liberdades (entre elas, a liberdade das responsabilidades de uma família). Essas inquietações juvenis não os aproximam dos adolescentes, os quais esperam deles algo que não encontram em seus coetâneos. É possível que surjam novos modelos de família e estes permitam que adultos e adolescentes convivam – e não só se abriguem sob o mesmo teto. Até lá, a verdadeira comunidade do adolescente é composta por seus coetâneos e, entre estes, pelo grupo restrito de pares com os quais compartilha as escolhas de estilo mais importantes.

Recusado como par pela comunidade dos adultos, indignado pela moratória que lhe é imposta e acuado pela indefinição dos requisitos para terminá-la (a famosa e enigmática maturidade), o adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue.

Nesses grupos, ele procura a ausência de moratória ou, no mínimo, uma integração mais rápida e critérios de admissão claros, explícitos e praticáveis (a diferença do que acontece com a famosa “maturidade” exigida pelos adultos).

Os grupos adolescentes, sempre respondendo a esses pré-requisitos, são, por assim dizer, de densidades diferentes. Alguns são informais e abertos, como

as comunidades de estilo (*dark, punk, rave, clubber* etc.): o acesso aqui exige apenas a composição de uma imagem, um *look* que todos reconheçam como traço comum.

Outros grupos pedem que a senha que dá acesso à comunidade seja uma marca duradoura – tatuagem, cicatriz – ou um tipo específico de modificação corporal.

Outros, ainda, pedem uma espécie de pacto de sangue, como a participação numa responsabilidade coletiva indissolúvel, sem retorno. Aqui o ato de roubar, estuprar ou matar coletivamente produz uma culpa comum, um segredo comum.

O grupo adolescente – seja um estilo compartilhado ou propriamente uma gangue – aparece de qualquer jeito como uma patologia aos olhos dos adultos. Os gostos gregários dos jovens são considerados anormais e perigosos. O grupo adolescente é vivido como o que sanciona a desagregação da família e quebra a relação hierárquica entre gerações, visto que o adolescente encontra em seus coetâneos o reconhecimento que se esperava que pedisse aos adultos.

O adulto, sem se perguntar muito por que os adolescentes são gregários, demoniza o grupo adolescente temido como uma espécie de tribo na tribo.

De fato, a própria constituição do grupo adolescente é, do ponto de vista dos adultos, uma transgressão. Os adolescentes se tornam gregários porque lhes é negado o reconhecimento dos adultos – sendo isso o que eles mais querem. Por isso, inventam grupos em que possam encontrar e trocar o que os adultos recusaram ou pediram que fosse deixado para mais tarde.

Ora, os adultos consideram suspeito esse afastamento dos adolescentes. Com razão, pois o grupo adolescente surge justamente porque estes escolhe-

ram não mais esperar pelo reconhecimento postergado dos adultos. O que já é uma transgressão, talvez a mais grave.

Portanto, o gregarismo aparece como uma patologia adolescente por ser uma forma de insubordinação aos adultos.

Os jovens gregários transgridem por se bastarem, ou seja, por se reconhecerem entre pares, dispensando os adultos.

Mas, além disso, no grupo assim constituído, eles perseguem e praticam os sonhos proibidos (dos adultos). O grupo adolescente é transgressor em sua função (oferecer reconhecimento sem precisar dos adultos). Mas é também facilmente transgressor em suas atuações. Para seus membros, vale a idéia de que a esperança de reconhecimento vem da transgressão. Sobretudo, vale a constatação de que a transgressão coletiva solidifica o grupo e garante reconhecimento recíproco no seu seio. O grupo adolescente se torna por isso mesmo um espantalho.

Não é por acaso que, em certas jurisdições dos Estados Unidos, por exemplo, a legislação local permite que os jovens pilotem um carro desde os 16 anos, mas proíbe que dirijam com outros adolescentes no veículo antes dos 18 anos de idade. A experiência mostra ao legislador que a reunião de adolescentes multiplica substancialmente a tentação de infringir regras. Ou seja, desde que o grupo adolescente esteja reunido, cada um (a começar pelo piloto) terá a tarefa de conseguir aquele reconhecimento pelos outros que os adultos negam.

Quanto mais o comportamento for transgressor, tanto mais fácil será o reconhecimento: a transgressão demonstra afastamento dos adultos, adesão e fidelidade ao grupo.

E, quanto mais o comportamento infrator encontrar reconhecimento imediato pelos outros, tanto mais vai se estender, se tornar complexo e se distanciar das normas.

Por essa razão, qualquer policial de ronda sabe que, a partir de três, os adolescentes se tornam potencialmente mais perigosos, visto que se constituem num grupo de reconhecimento mútuo, em que a infração (grande ou pequena) vale como senha.

## ¶ O ADOLESCENTE DELINQUENTE

Voltemos à motivação primeira do adolescente: trata-se de conseguir um reconhecimento para o qual ninguém sabe lhe dizer quais são as provas, qual é o ritual iniciatório necessário. E, por conseqüência, de colocar fim a uma moratória que lhe é imposta logo quando se sente maduro, forte e potencialmente adulto.

O adolescente é rejeitado pela sociedade dos adultos, que respondem ao seu pedido de admissão com uma bola preta na urna. Ora, quando um pedido não encontra uma palavra que no mínimo reconheça sua relevância, normalmente seu autor levanta a voz. Numa progressão linear, grita, quebra vidros e pratos, coloca fogo na casa e pode até se matar para ser levado a sério. Ou seja, ele tenta impor pela força, ou mesmo pela violência, o que aparentemente não é ouvido.

É lugar-comum notar que haveria uma importância quantitativa da criminalidade adolescente — o que não é totalmente surpresa, visto que a rebeldia parece ser um caminho que o próprio adulto aponta para o adolescente. Mesmo nos últimos anos, quando

a criminalidade diminuiu drasticamente nas grandes cidades americanas, por exemplo, o único número que resistiu foi o de adolescentes infratores e criminosos. Em alguns momentos e lugares, eles até cresceram. Alimenta-se assim o espantinho do adolescente dito "predador" (como se fosse uma espécie diferente identificada por seu comportamento sanguinário).

Ora, custou certo tempo para que alguém se desse conta do que está por trás dos números (vai custar mais ainda para que esta verdade seja assimilada pelo público). A verdade é que o número de crimes cometidos por adolescentes provavelmente evolui segundo uma curva bem parecida com a curva dos crimes dos adultos. Provavelmente — porque a grande maioria das pesquisas não conta os crimes, mas os criminosos indiciados e condenados. A consequência dessa abordagem é que a tribo mais gregária sempre parece mais criminosa. Não é difícil entender por quê: os adolescentes cometem seus crimes em grupo (para se reconhecerem mutuamente como membros do grupo). É claro, por conseguinte, que a cada crime vários adolescentes criminosos podem ser inculcados e condenados. Isso não é o caso dos adultos.

A idéia de que os adolescentes seriam o grupo mais perigosamente criminoso não parece ter suporte quantitativo. Os números só nos dizem algo que de fato não é surpreendente, à luz de nossas considerações: ou seja, um adulto ou no máximo dois se engajam juntos no empreendimento de roubar um carro. O mesmo crime poderá ser cometido por um bando de adolescentes que, uma vez o crime perpetrado, mal caberão todos no carro.

Resumindo, o adolescente tem dois caminhos possíveis e compatíveis para obter algum reconhecimento: fazer grupo e fazer estardalhaço, ou "bestei-

ras". Melhor ainda: fazer grupo e com o grupo fazer besteiras. Enfim, se associar para transgredir.

Nessas condições, a delinqüência poderia ser uma sólida vocação da adolescência.

"Delinqüência" não é uma palavra excessiva, embora de fato pouquíssimos adolescentes se tornem propriamente delinqüentes. Mas existe uma parceria de adolescência e delinqüência, porque o adolescente, por não ser reconhecido dentro do pacto social, tentará ser reconhecido "fora" ou contra ele — ou, o que dá na mesma, no pacto alternativo do grupo.

Ele constituirá um novo pacto entre adolescentes, com claras regras de reconhecimento mútuo. Essas regras sempre estarão deliberadamente em ruptura, mais ou menos declarada, com o pacto social.

Dentro ou fora da prática gregária, os jovens não desistirão de tentar suscitar a atenção e o reconhecimento dos adultos. O grupo que eles vierem a constituir seguirá um modelo de ação que deverá transgredir o pacto social, já que continua viva a esperança de merecer, por essa transgressão, a atenção dos adultos. A transgressão tenta encenar o que os adolescentes acreditam ser um desejo recalçado dos adultos. Há o projeto de entregar como presente para os adultos um comportamento, um gesto, do qual eles teriam sido frustrados e, assim, de merecer uma medalha. Quanto mais a interpretação do desejo dos adultos for certa, mais esse projeto fracassará. Nesse caso, a transgressão adolescente presenteia os adultos com uma imagem que justamente eles querem reprimir. O erro dos adolescentes (erro em relação a sua própria estratégia) é pensar que para os adultos possa ser agradável encontrar uma encenação de seu próprio recalque.

Paradoxo e dificuldade da relação entre gerações: os adolescentes transgridem — até gravemente — não

para burlar a lei, não na esperança de escapar das conseqüências de seus atos, mas, ao contrário, para excitá-la, para que a repressão corra atrás deles e assim os reconheça como pares dos adultos, ou melhor, como as partes escuras e esquecidas dos adultos. Eles imaginam que, como delinqüentes, serão amados por serem portadores de sonhos recalçados. Nessa condição, torna-se impossível para os adultos escolher uma estratégia correta entre tolerância e repressão. Por exemplo, é um perigo deixar a porta aberta (como está acontecendo cada vez em mais países) para que o tribunal decida se jovens culpados de crimes graves devem ser perseguidos como menores ou como adultos. À vista disso, como o jovem resistiria à tentação de fazer algo que seja grave a ponto de forçar o tribunal a julgá-lo como adulto – que é o que ele pede desde sempre? Se for julgado e condenado como adulto, isso será a demonstração do fato de que os adultos só ouvem a linguagem do crime mais detestável e de que essa linguagem funciona.

Tolerar não é uma opção, visto que o jovem atua justamente para levantar a repressão. A tolerância só o forçará a atuar com mais violência.

Os adolescentes, então, transgridem e os adultos reprimem. Por um lado, se os adultos reprimem preventivamente, impondo regras ao comportamento adolescente, eles afirmam a não-maturidade dos adolescentes. Em resposta, os adolescentes serão levados a procurar maneiras violentas de impor seu reconhecimento.

Por outro lado, a repressão punitiva só manifesta ao adolescente que seu gesto não foi entendido como deveria, ou seja, como um pacote de presente cheio de ideais e desejos reprimidos dos adultos. O que também levará o adolescente a aumentar a dose de rebeldia.

Não é difícil enumerar os comportamentos mais freqüentes da delinqüência adolescente. Sua banalidade só demonstra a banalidade dos desejos que os adolescentes conseguem descobrir atrás do silêncio dos adultos.

O furto – desde os pequenos roubos de mercadoria nas lojas até o assalto e a colaboração em empreendimentos criminosos (extorsão, tráfico ilícitos etc.) – são a conduta mais óbvia. Afinal, o ideal social do sucesso financeiro é triunfante em nossa sociedade e o jovem é mantido afastado dele pela moratória da adolescência. Ele escolhe perseguir esse sucesso por um caminho que dispensa a retórica explícita sobre o valor do esforço, do suor na testa e do trabalho (todos pretextos da moratória). Trata esses valores morais como se fossem apenas ornamentos corretivos, que permitem ao adulto tolerar sua própria avidez. O pensamento do jovem, por inconsciente que seja, soará assim: "Vocês me dizem que é para ficar rico, mas querem que eu fique aqui na espera suando para me preparar. Eu acho que essa preparação suada que vocês promovem e elogiam é apenas um jeito de vocês se consolarem de seus fracassos e não encararem suas covardias. Eu vou competir pelos meios diretos que na verdade vocês gostariam de usar. Vou roubar, por exemplo".

Outro exemplo é a valorização seja da força física, seja da provocação, da disponibilidade ao enfrentamento (a capacidade de lutar e arriscar). O adolescente atua, encena o gosto de se afirmar sobre e contra os outros arriscando a pele, paródia do mestre antigo, à qual o adulto renunciou faz tempo – preferindo negociações e outros compromissos sociais menos perigosos. De novo o adolescente, lembrando pelo seu comportamento que a violência pode

ser fonte de autoridade, não seduz o adulto. Ao contrário, ele o constrange e o ameaça, apontando sua covardia. Na relação com os adultos (não só sua família), o adolescente, não conseguindo produzir respeito, prefere e consegue produzir medo. O medo é o equivalente físico, real, do que o respeito seria simbolicamente.

Entende-se como a delinqüência propriamente dita, organizada, pode vir a ser uma resposta à moratória. Ela freqüentemente implica uma associação de delinqüentes que comporta todos os requisitos do grupo de adolescentes. Satisfaz o ideal social de sucesso e riqueza pela apropriação imediata e real. E impõe o medo que é o equivalente real do respeito. "Me disseram que era crucial enriquecer, ter sucesso e poder. Não me deixaram competir — pediram para esperar. Então eles vão ver."

Do mesmo jeito, a promiscuidade mais arriscada pode ser uma resposta à moratória sexual, que transgride a retórica explícita do pudor, do respeito, da vergonha. "Me dizem que é para ser desejante e desejável e gozar com isso, mas me pedem para esperar, para não me queimar cedo demais. Eles não querem encarar suas covardias frente a seus próprios desejos. Querem, falam, falam e nunca fazem o que querem. Eu vou lhes mostrar como se goza." Não conseguindo que seu corpo seja reconhecido como adulto (portanto desejável), o adolescente pode escolher se impor pela sedução mais brutal. O desejo do adulto seduzido, tentado, é — como o medo — outro equivalente físico, real, de um reconhecimento que tarda.

A prostituição adolescente com clientes adultos é um bom exemplo de uma maneira de forçar o reconhecimento, quase irônica: "Se este corpo não é desejável, por que pagam para tê-lo por um momento?"

## O ADOLESCENTE TOXICÔMANO

A visão da adolescência que parece ser mais preocupante para os adultos é a visão do adolescente toxicômano. Os adolescentes seriam mais sensíveis do que os adultos ao charme das drogas ilegais.

Na verdade, não seria difícil argumentar que o interesse dos adolescentes de hoje para as drogas é a atuação de um interesse para as drogas da geração precedente. Os adolescentes de hoje são os descendentes de uma geração que explicitamente ligou o uso das drogas a todos os sonhos de liberação e revolução (pessoal, sexual, social etc.) que ela agitou e subseqüentemente abandonou e recalçou.

Desse ponto de vista, a relação adolescente com as drogas seria hoje um capítulo da rebeldia herdada pelos adolescentes, depois de largada por seus pais. Ela seria a interpretação e atuação da grande esperança que os adultos de hoje recalçaram, quando desistiram de sua revolta e abraçaram valores mais estabelecidos.

Mas a droga tem também outras razões de seduzir o adolescente.

Sensível à "injustiça" da moratória, o adolescente descobre que, em matéria de drogas ditas legais (álcool e tabaco), há em princípio uma separação de pesos e medidas entre adultos e adolescentes. A interdição seletiva dessas drogas aos adolescentes é vivida como parte do processo de sua infantilização, uma vez que cigarro e álcool são liberados para os adultos.

O argumento que insiste sobre o perigo de álcool e tabaco para a saúde pode produzir o efeito inverso ao esperado, pois nada prova que o adolescente queira ser o objeto de uma proteção ou de um cuida-

do especial que, de novo, o infantilizaria. No entanto, esse argumento deve ser levantado e defendido vigorosamente pelos pais. Sem isso, o adolescente poderia se sentir entregue a algo bem pior do que a infantilização: o descaso de seus pais com sua vida.

Ele também pode ser seduzido justamente pelo risco de vida que cigarro e bebida acarretam. Representante quase oficial das fantasias inconfessáveis dos adultos, o adolescente não vai poder ficar atrás, logo num campo onde alguns adultos parecem dispostos a correr riscos para gozar um pouco. A tentação será de desafiar os riscos fumando e bebendo até não poder mais.

As drogas que são proibidas para todos têm mais charmes ainda.

Além de serem proibidas (um charme em si), podem representar uma maneira de enriquecer pelo tráfico, desmentindo a moratória.

Elas proporcionam também uma boa forma gregária de reconhecimento recíproco entre drogados, ou seja, são a ocasião da constituição de grupos adolescentes coesos.

Há mais um aspecto que faz o sucesso da toxicomania adolescente, ou no mínimo de seu espectro, que perturba o sonho dos adultos.

O que os adultos receiam, na visão do adolescente drogado, da maconha à heroína e ao crack? Fora os riscos para a saúde e o perigo de encarar consequências penais, há uma espécie de temor de que, no baseado ou na pedra, o adolescente encontre um objeto que satisfaça seu desejo, mate sua procura, acabe com a insatisfação. O medo, em suma, de que com a droga o adolescente, de repente, seja feliz. Por que isso angustia os adultos? Seria mesmo um problema para os adolescentes?

O que é próprio ao desejo moderno é que, atrás de cada objeto desejado, sempre há um desejo de algo mais, de uma qualidade diferente: uma vontade de reconhecimento social – a qual nunca se esgota no objeto. Em outras palavras, o que é desejado é sempre instrumental para afirmar e constituir nosso lugar social. Por mais que eu possa obter o objeto que eu quero, nem por isso ele me satisfará. A riqueza de nosso mundo depende disto: de uma procura que deve se manter inesgotável – nenhum objeto satisfazendo a sede de reconhecimento social que permanece atrás de nossa vontade de possuir ou de consumir.

Ora – na fantasia dos adultos e talvez de fato –, a droga seria o objeto que promete e entrega uma satisfação acabada, mesmo que apenas momentânea. Essa fantasia transforma a droga em senha de acesso a um universo alternativo regado por um pacto diferente. Nesse outro mundo, o que importa para todos é o objeto, a droga, sua presença, não o status social que ela instaura. Por isso a toxicomania talvez seja a transgressão mais preocupante, porque parece minar um pressuposto fundamental do pacto social vigente: a permanência da insatisfação.

Por ser ou parecer um objeto que satisfaz de vez, um bem em si, a droga é uma ameaça muito especial. Ela quebra a regra moderna de funcionamento do desejo. O drogado pára de deslizar de um objeto a outro, da roupa ao carro, ao parceiro bonito – todos metáforas no caminho de um status social que nem a totalidade dos objetos poderia produzir. A droga – à diferença dos outros objetos – apagaria o desejo. A preocupação de que o rapaz ou a moça que usam maconha parem de competir na escola, se deprimam, não saiam da cama etc. é mais que justificada: ela expressa o medo legítimo de que, pela droga, eles trans-

gridam de vez as regras essenciais do funcionamento do desejo moderno.

Mais do que nas outras formas da delinqüência, os adultos vêm na droga uma perigosa porta de saída por onde os adolescentes escapariam à moratória para entrar de vez em outro mundo.

Os adolescentes concordam com essa preocupação e só podem encontrar nela mais uma razão para se satisfazer na droga. Afinal, os adultos não param de mentir, para os outros e para eles mesmos, sobre o valor, o charme e o interesse dos objetos. Consomem como se acreditassem mesmo que o desfile dos objetos de consumo possa responder, satisfazer, a seus anseios e desejos.

Precisamos acreditar que os objetos podem nos fazer felizes. Deslizamos sem parar de um a outro, sempre na espera de mais um que será decisivo, final. De fato, isso é um faz-de-conta. Não podemos renunciar à insatisfação que nos faz correr e que vitaliza nosso mundo. Nenhum objeto pode nos satisfazer, pois o que queremos não são coisas e posses, mas — atrás delas — reconhecimento ou status. E nada pode extinguir nossa sede desses dois.

Ora, a droga é, na série dos objetos, uma espécie de subversão. Drogando-se, o adolescente pode pensar estar atuando a seguinte verdade recalcada pelos adultos: "Há um objeto que nos satisfaria, mas é necessário esquecê-lo, pois a satisfação seria fatal para nosso sistema social".

A droga é um objeto mortal. Não só porque pode matar o usuário, mas porque — tão grave quanto isso — ela pode matar seu desejo.

De fato, não é o caso de dramatizar essa visão do adolescente toxicômano. A grande maioria dos adolescentes apenas flerta com a droga.

Na verdade, é freqüente que adolescentes passem pela droga um tempo e parem de usar. É também freqüente que isso aconteça na cara dos adultos, os jovens pedindo ajuda para voltar dessa viagem. Há adolescentes que se drogam para então precisar de algum tipo de reabilitação e pedir ajuda. É uma estratégia parecida com a dos que naufragam de propósito na rota de um transatlântico, para — uma vez recolhidos — viajar de graça na primeira classe. Ou seja, é uma estratégia que força o reconhecimento do adulto.

A reabilitação, trazer alguém de volta da delinqüência, da droga ou da prostituição, é o contrário da infantilização: ela implica o reconhecimento de quem se perdeu esteve em perigo de verdade.

É isso que almejam todas as condutas extremas da adolescência transgressora: convencer o outro de que a vida do adolescente não é nenhum limbo preparatório, ela está acontecendo de verdade, como a vida adulta.

## O ADOLESCENTE QUE SE ENFEIA

Os adolescentes parecem contradizer, ou melhor, desafiar, os cânones estéticos dos adultos. Segundo estes, eles se enfeiam sistematicamente.

Os grupos adolescentes inventam quase sempre um padrão estético interno, pelo qual os membros se diferenciam e se reconhecem entre si. Não é raro que esse estilo constitua alguma espécie de agressão deliberada ao cânone dominante: afinal, o grupo (mesmo o grupo de estilo) outorga seu próprio reconhecimento interno. Desafiar a aprovação dos adultos é sua própria função.

Mas a estética adolescente não surge só para isso (ou seja, para se diferenciar, produzir coesão de grupo e desafiar o cânone adulto).

Pode ser que o ato de se enfeiar corresponda a uma recusa da sexualidade e, sobretudo, da desejabilidade como valor social. Assim como o adolescente pode parecer contestar a idolatria do valor financeiro, econômico (por exemplo, recusando-se a ostentar os apetrechos desse valor nas vestimentas e em outros símbolos tradicionais de riqueza), tornando-se feio ele poderia criticar um sistema que valoriza a desejabilidade dos corpos como razão do reconhecimento social.

Pode ser também que o adolescente se enfeie para se proteger de um olhar que poderia não achá-lo desejável. Ele conseguiria prevenir essa catástrofe para sua insegurança atribuindo sua indesejabilidade a seus próprios esforços de se enfeiar: "Não gostam de mim, mas é porque eu não quis".

Na verdade, a feiúra é também uma espécie de exibicionismo escancarado, a proposta de um erotismo fora da norma, a promessa de uma armadilha sexual que não se preocupa em passar pelos ícones socialmente aceitos da desejabilidade.

O *piercing* umbilical das garotas é exemplarmente tudo isso ao mesmo tempo. É uma lembrança do nenê de umbigo apenas cicatrizado. É uma curiosa distração lúdica no caminho do órgão genital, ou uma alusão a uma fechadura de castidade. É, sobretudo, uma maneira de chamar o olhar para o encontro permanente, não tão longe da vagina, de uma abertura do corpo com algo metálico e duro.

A mesma coisa vale para a marca registrada dos garotos dos anos 90: os centímetros de cueca expostos acima do cós baixado. Eles são uma recusa da sexualidade pela infantilização (a cueca à vista evoca uma his-

tória de cocô-xixi e de fraldas), uma maneira preventiva de se ridicularizar logo nos arredores dos órgãos genitais, mas também a promessa de um permanente interesse com o que está nas cuecas (a cueca fica, por assim dizer, sempre em riste).

No conjunto, as transgressões estéticas que parecem assinalar e prometer transgressões sexuais ou morais são esforços para encontrar algum conforto no olhar indignado ou assustado dos adultos. Logo, para que o medo, o escândalo do olhar dos adultos convençam o adolescente de que lá no espelho ele está contemplando um ser perigoso, atrevido e *sexy*. Alguém que os adultos teriam de reconhecer como adulto, adultíssimo. Na verdade, a grande maioria dos adolescentes de cabelos ultraloiros, brincos, tatuagens e cara feia, caso encontrassem a si mesmos numa rua escura, trocariam de calçada preocupados ou correriam para casa assustadíssimos.

## O ADOLESCENTE BARULHENTO

Os adultos criticam facilmente. Dizem que os adolescentes são tietes, adulam seus ídolos. Ou ainda que os adolescentes gostam de marcas, se transformam em anúncios publicitários ambulantes. Acrescentam que eles vivem num filme, ou em vários, e arrumam uma identidade imitando personagens. Por isso eles se perdem na contemplação das estrelas (do cinema e dos palcos), assim como se esquecem nas marcas que passam a defini-los.

É uma ironia barata. Pois, de fato, os adolescentes vivem nos mesmos filmes que os adultos. *Caras e People* não são revistas para adolescentes. Ou seja, a imitação e

a idolatria são formas básicas da socialização moderna; valem para os adultos tanto como para os adolescentes. No mais, trata-se, nessa crítica irônica, apenas do emba-te entre, digamos, estilistas como Prada e Giorgio Armani contra Tommy Hilfiger. Ou então de um ator como Leonardo DiCaprio contra Robert De Niro.

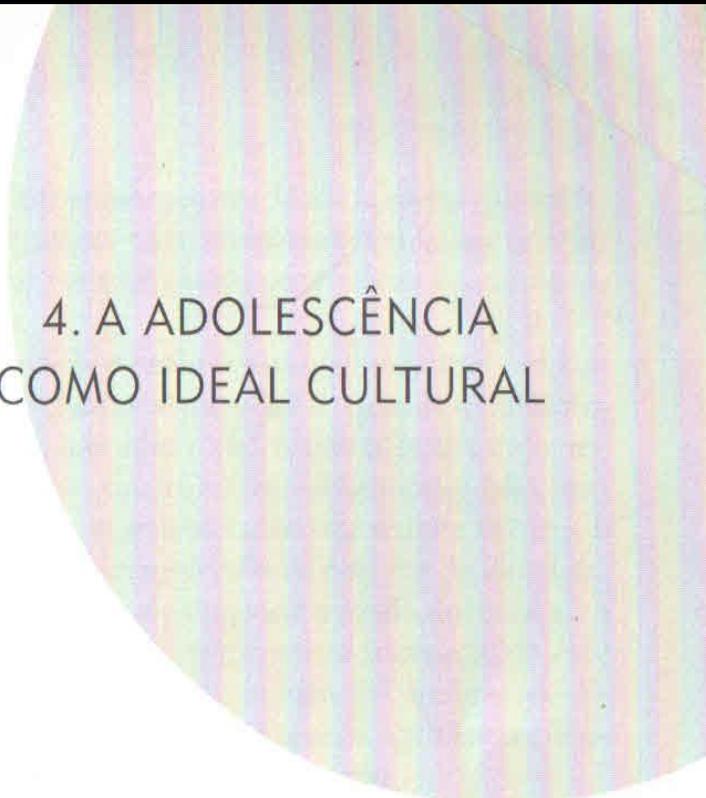
Mas, se todos vivemos ou procuramos inventar nossa vida graças aos mesmos filmes, é verdade que o adolescente é o maior fã de videoclipes. Aqui, mais do que a história, importam as imagens e a música. As figuras que cantam e dançam são personagens que ainda procuram seus roteiros – perfeitas para os adoles-centes se identificarem, pois permitem adotar um gesto, um estilo, um *look*, sem por isso comprar uma aventura narrada e preestabelecida ou, pior, uma vida inteira.

A música deixa mais liberdade ainda do que o clipe. Ela dá apenas o clima, sugere uma atitude, mas não dita uma história. O adolescente vive com uma trilha sonora permanente, inspiradora de imagens com as quais compõe sua identidade. Ele fica (ou é) irritado com o *metal*, romântico com Phil Collins, *cool* e inspirado com o *rave*, todo dinâmico com a *disco* etc.

Essa escuta constante comporta sua parte de pro-voção. O adolescente oscila entre estourar as caixas de som e viver de fone de ouvido. O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço.

Seja qual for o efeito disso sobre a comunicação verbal, o volume da música é também uma espécie de metáfora sonora da intensidade da experiência ado-lescente. Uma maneira de gritar: “Eu não vivo, arre-bento”. Os adultos, por mais que protestem, não agem diferentemente e, de vez em quando, adoram estourar as caixas de seus aparelhos para comunicar (aos vizi-nhos, aparentemente) as insustentáveis emoções da-quele dia (ou, pior para o vizinho, daquela noite).

Em todas as suas tentativas de desafiar e provo-car, o adolescente encontra uma dificuldade: por mais que invente maneiras de se enfeiar, de se distanciar do cânone estético e comportamental dos adultos, a cada vez, rapidamente, a cultura parece encontrar jeitos de idealizar essas maneiras, de transformá-las em com-portamentos aceitos, até desejáveis e invejáveis. Ou seja, o adolescente descobre que sua rebeldia não pára de alimentar os ideais sociais dos adultos.



## 4. A ADOLESCÊNCIA COMO IDEAL CULTURAL

**U**m lado exasperante da adolescência é que é difícil encontrar uma escolha adolescente que não seja a realização do sonho dos adultos. É quase impossível, para o adolescente, se afastar da interpretação do desejo adulto, por duas razões.

Primeiro, porque o acesso à idade adulta em nossa cultura não é regrado por um ritual, mas depende de um olhar, de um consenso que nem sabe articular suas condições. Portanto, é necessário procurá-las interrogando e interpretando o desejo dos adultos.

Segundo, por uma espécie de pecado original próprio a uma cultura que idealiza a autonomia. Mesmo se o comportamento adolescente fosse totalmente regrado pelo plano de não mais depender do reconhecimento dos adultos, mesmo se isso fosse possível (e talvez se torne possível, por exemplo no grupo adolescente), a autonomia assim realizada ainda seria o sonho dos adultos para o adolescente. Aliás, esse é o

sonho de liberdade por excelência, o sonho que acompanha qualquer vida adulta contemporânea nas formas mais variadas, do desejo de férias à tentação de cair fora.

Verifica-se então o paradoxo seguinte: a adolescência, excluída da vida adulta, rejeitada num limbo, acaba interpretando e encenando o catálogo dos sonhos adultos, com maior ou menor sucesso. Mas, através de todas as suas variantes, ela sempre encarna o maior sonho de nossa cultura, o sonho de liberdade. Ou seja, por tentar dispensar a tutela dos adultos, a rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico. Por esse motivo, as condutas adolescentes em todas as suas variantes se cristalizam, se fixam e se tornam objeto de imitação.

Tudo leva a fazer da adolescência um ideal social. É até bem possível que a adolescência surja na modernidade como ideal necessário. Logo, que a adolescência como ideal seja quase um corolário do mundo contemporâneo. Mas, além dessa possibilidade (que examinaremos no Capítulo 5), há outras complicações que, no mínimo, colaboram em tal idealização da adolescência.

Os adolescentes, como vimos, se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. No mínimo, são comunidades de estilo regradas por traços de identidade claros e definidos, pois os membros devem poder pertencer a elas sem ter de coçar a cabeça se perguntando: "Mas o que será que os outros querem para me aceitar?" Os grupos têm portanto em comum um *look* (vestimentas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, imprensa) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes etc.).

O resultado disso é que cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida. Por isso mesmo, todos os grupos se tornam também grupos de consumo facilmente comercializáveis. Os adolescentes, organizados em identidades que eles querem poder reconhecer sem hesitação, se tornam consumidores ideais por serem um público-alvo perfeitamente definido. A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. O próprio marketing se encarrega de definir e cristalizar os grupos adolescentes, o máximo possível.

Os grupos, nascidos como amparo contra a moratória imposta pelos adultos, se constituem em ideais para os adultos justamente por serem rebeldes. Ao mesmo tempo, esses grupos são culturalmente exaltados pelo marketing, que tem todo interesse em apresentá-los como coesos, catalogando os apetrechos necessários para seus membros, comercializando as senhas de reconhecimento e todos os traços do *look* suscetíveis de circular no mercado.

Esses *looks* que surgiram como “rebeldia” são então propostos como ideais para aumentar a adesão de seus membros, ou seja, para seduzir os adolescentes que chegam ao mercado dos grupos ou transitam de um grupo para outro.

Cada *look* é propagandeado e idealizado por sua comercialização. Cada grupo e a adolescência em geral se transformam numa espécie de *franchising* que pode ser proposta à idealização e ao investimento de todo mundo, em qualquer faixa etária.

Se a adolescência encena um ideal cultural básico, é compreensível que ela se transforme num estilo que é *cool* para todos.

Na idealização comercial e para maior proveito dos empresários da adolescência, praticamente todos

os estilos adolescentes (seus produtos, seus apetrechos) são oferecidos e vendidos aos adultos, magnificando um mercado já interessante em si. Desde os anos 80, surge uma verdadeira especialidade do marketing da adolescência. Sua relevância está nas proporções do mercado dos adolescentes: eles são numerosos e dispõem de cada vez mais dinheiro. Mas interessam ao mercado também pela influência que exercem sobre a decisão e a consolidação de modas, que transformam os modelos de consumo de muitos adultos.

A adolescência, por ser um ideal dos adultos, se torna um fantástico argumento promocional.

Até aqui pensávamos que havia uma revolta dos jovens contra sua exclusão da sociedade dos adultos. E acrescentávamos que as formas dessa revolta podiam coincidir com ideais adultos por duas razões: porque o ideal cultural dominante é, em nossa cultura, a insubordinação e porque, ao se revoltar, os jovens ainda estariam tentando agradar aos adultos, ou seja, realizar algum sonho deles.

Agora podemos perguntar se a adolescência não surgiu justamente porque os adultos modernos precisaram dela como ideal.

Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que encenasse o sonho de idiossincrasia, de unicidade, de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos?

Às vezes, essa suspeita deve atravessar o espírito dos adolescentes.

Vimos como e por quê – correndo atrás de um reconhecimento que os adultos lhe negam e que ele procura com seus pares – o adolescente constitui gru-

pos e conformismos. É interessante notar que esses grupos mudam com extrema rapidez. Há uma constante invenção de novos estilos. Como se o adolescente tentasse correr mais rápido do que a comercialização, que quer descrevê-lo para melhor idealizá-lo e vender seu estilo. Como se ele fugisse da assídua recuperação de sua rebeldia pelos adultos, famintos de modelos estéticos de juventude, liberdade e rebeldia.

Se a adolescência não existisse, os adultos modernos a inventariam, tanto ela é necessária ao bom desempenho psíquico deles.

### DA INVENÇÃO DA INFÂNCIA À ÉPOCA DA ADOLESCÊNCIA

Chegou a hora de perguntar em que medida e como essa moratória que produziu a adolescência veio a ocorrer logo na modernidade tardia que nós habitamos. Chegou a hora, em suma, de explicar por que e como a adolescência que nos interessa é um fenômeno sobretudo dos últimos 50 anos.

Faz um século apenas que a adolescência se tornou um tema que justificasse um livro como este. Até então, certamente era possível se preocupar com o devir dos jovens, tanto físico quanto moral e econômico, mas "a adolescência" não era uma entidade que encorajasse um título ou animasse a imprensa. Não era um fato social reconhecido. Era uma faixa etária, mas não por isso um grupo social. Ainda menos um estado de espírito e um ideal da cultura.

Para entender como isso aconteceu, é necessário primeiro lembrar que a própria infância é uma

invenção moderna. Em princípio e com as devidas exceções, em nossa cultura todos amamos, ou melhor, veneramos, as crianças incondicionalmente e irresistivelmente. Não podemos deixar passar um miúdo perto de nós sem estender a mão para uma carícia protetora na pequena testa. Quando, num café ou restaurante, cruzamos o olhar de uma criança sentada em outra mesa, estamos dispostos a fazer qualquer macaquice para extrair seu sorriso. Em outras palavras: qualquer adulto parece estar investido da dupla missão de proteger as crianças e torná-las felizes. Mas por que essa seria uma propriedade exclusiva da modernidade?

Certo, os seres humanos nascem extraordinariamente prematuros, e a espécie conta com cuidados parentais assíduos e permanentes para assegurar a sobrevivência dos rebentos. Sem uma dose brutal de amor dos pais e esforços anexos, nossa espécie estaria presumivelmente ameaçada.

O amor pelas crianças nos parece portanto natural, um efeito quase fisiológico da prematuração dos pequenos humanos, necessário na batalha da evolução das espécies. Sem amor e cuidados as crianças de certo não sobreviveriam, mas nem por isso o amor e os cuidados foram sempre os mesmos.

Ao contrário, como foi inicial e magistralmente mostrado por Philippe Ariès,<sup>5</sup> pode-se dizer que a infância é uma invenção moderna. Entendendo aqui por infância não os primeiros anos da vida — que sempre existiram, obviamente —, mas a própria idéia de um tempo da vida bem distinto da idade adulta, miticamente feliz, protegido pelo amor dos pais e,

<sup>5</sup> Cf. Bibliografia, III.

sobretudo, não definido simplesmente pela espera apressada de se tornar adulto. Na modernidade, a infância se tornou objeto de preocupações, meditações, planos e projetos infinitos, tema inesgotável e autônomo de exploração e debate. Aliás, essa posição aos poucos parece ser herdada pela adolescência.

Vamos ver como essa idéia ou visão da infância veio surgindo em nossa cultura junto com a modernidade (do século 13 em diante) e se afirmou definitivamente só quando a modernidade ganhou a partida, no fim do século 18.

A maneira moderna de olhar para as crianças, esse jeito de amá-las que faz da infância uma verdadeira divindade cultural, triunfou quando a sociedade tradicional cedeu o passo ao individualismo.

Sem passar por uma descrição da transformação cultural que leva da sociedade tradicional ao individualismo que domina nossa modernidade, é possível lembrar dois traços essenciais que contribuíram para fazer dessa mudança cultural o momento da invenção da infância.

O próprio Ariès nos deixou uma obra centrada sobre essa transição, da qual salientou, além da invenção da infância, outro aspecto decisivo: uma mudança na experiência da morte.

Explicado rapidamente: numa sociedade tradicional, a comunidade é a verdadeira depositária da continuidade da vida. Aqui a morte, por mais que seja um evento trágico e triste na vida do sujeito, não é um ponto final, conclusivo, pois a vida que mais importa não é a do indivíduo — que se perde com a morte. A comunidade sobrevive e segue. Ela é uma experiência que fala mais alto do que o fim do breve tempo de uma vida.

Com o fim da sociedade tradicional, a morte se torna fundamentalmente uma experiência individual, cujo sentido (ou falta de sentido) deve ser procurado no espaço da vida do indivíduo e não pode ser substituído pela significação mais ampla da comunidade. Mesmo que a fé religiosa venha consolar cada um em seu foro íntimo, a morte é antecipada na modernidade como o fim sempre trágico e solitário de uma existência que, por sua vez, parece coincidir com, e não ser nada mais do que, a sobrevivência do indivíduo.

Entende-se que de repente, nesse contexto cultural, as crianças assumam uma importância especial e nova. Para quem a morte é o fim de tudo, as crianças se tornam a única consolação, a única promessa de algum tipo de continuação ou mesmo de imortalidade. Mas essa é apenas uma razão para que o individualismo moderno invente a infância.

Numa sociedade tradicional, cada criança vinda ao mundo ocupa um lugar definido numa rede social articulada e estabelecida. Em qualquer comunidade hierarquicamente organizada, nascer numa classe, numa casta, numa corporação são figuras iniciais e decisivas do destino. Certo, a vida de cada um continua em suas mãos e eventualmente nas da graça divina, mas o sujeito encontra uma exigência social ao mesmo tempo fundamental e incontestável e, por isso mesmo, pacificada, tranqüila, geralmente explícita: trata-se de ocupar o lugar que o nascimento outorgou a cada um, num universo onde por regra a divisão social é decidida pela tradição.

Ao contrário, numa cultura individualista como a nossa, espera-se de antemão que qualquer sujeito se construa um lugar e se invente um destino contra o que a tradição e o berço onde nasceu lhe reservaram.

Por isso, transmitir, ensinar, formar são, em nossa cultura, atividades tão problemáticas, pois a ordem transmitida (quer dizer, a tradição) é de contradizer a tradição.

Ora, quase todas as instituições do mundo tradicional periclitarão ou sumiram com a modernidade. O indivíduo só não se achou desprovido de comunidade porque uma sobreviveu e, de certa forma, adquiriu importância nova e central na vida de todos: a família. A família moderna é restrita ao essencial, nuclear (ou seja, composta essencialmente pelo núcleo de pais e crianças), mas por isso mesmo mais intensa, pois idealmente organizada ao redor não de consanguinidades extensas, de obrigações, deveres e contratos, mas da força proclamada dos sentimentos íntimos. A família nuclear existe e resiste por ser fundada no amor. Amor entre pai e mãe e amor entre estes e as crianças que eles criam. A família — instituição que portanto sobrevive e vinga na modernidade — é a grande porta-voz do duplo vínculo moderno: ela pede às crianças todo tipo de submissão e obediência em nome do amor, mas também pede que, em nome do mesmo amor, a criança se liberte da família e ultrapasse a condição na qual se criou, para responder bem às expectativas dos pais. Particularmente, para dar continuidade (imortalidade) aos sonhos dos pais — sonhos frustrados antes de mais nada pela mortalidade dos sonhadores.

Para entender melhor como se criam na modernidade as condições sociais e psicológicas da sacralização da infância, ainda é preciso acrescentar a esse quadro sucinto outro traço bem específico da modernidade ocidental: a insatisfação fundamental do sujeito. O homem moderno não é insatisfeito acidentalmente com o que lhe acontece, infeliz porque choveu, a peste recrudescceu ou de novo a guerra vem por aí. É indispensável que ele seja insatisfeito constitui-

vamente, por definição. Pois seu lugar no mundo não pode nem deve ser mais definido do que sua aspiração — como se diz — de subir na vida, sua ambição, sua inveja. Esse traço se revelou crucial para produzir uma aceleração inédita na produção de riqueza e de diferença social: o sujeito moderno quer mais (portanto, produz e consome mais) porque deve querer sempre mais do que os outros.

Não há, não pode haver, objeto, façanha ou mesmo triunfo social que possa apagar essa insatisfação. Para o sujeito moderno, sua obra, seu trabalho de escalador social permanecerão sempre inacabados.

Talvez se compreenda melhor agora por que a modernidade realizada produz uma paixão inédita pelas crianças. Para seus pais e para os adultos em geral, elas são a consolação e a esperança. Graças a elas, os adultos estendem o sentido e a expectativa de suas vidas para além do limite estreito de sua sobrevivência individual. Graças a elas, a insatisfação própria do sujeito moderno se torna suportável, pois o fracasso — inevitável numa corrida que desconhece faixa de chegada — alimenta a espera de que as crianças façam revezamento conosco.

A infância preenche a função cultural essencial de tornar a modernidade suportável.

Para isso, ela proporciona antes de mais nada um prazer estético. Não é por acaso que Ariès descobriu a transformação que a modernidade produziu na maneira de ver e amar as crianças principalmente a partir da iconografia da infância. As crianças modernas são um objeto de contemplação, de agrado e descanso para nossos olhos. Criamos, vestimos, arrumamos as crianças para comporem uma imagem perfeita e segura de felicidade. No começo da visão moderna da infância, elas eram vestidas aquém da diferença sexual, seu de-

sejo era negado por ser para elas uma possível fonte de inquietação. Nós precisamos ver as crianças ao abrigo das imperfeições e das mágoas: completamente diferentes de nós, por serem protegidas da corrida insatisfatória ao sexo e ao dinheiro. Amparadas da necessidade, não desejantes, elas são sorridentes, amadas, encantadas: vivem em outro mundo.

Essa imagem de felicidade, inocência e paz que construímos como um presépio permanente no meio de nossas casas é a perfeição que nunca alcançamos nem alcançaremos, pois ser insatisfeitos é para nós definitivo. Por isso, a infância, mais do que uma utopia, é nossa idade de ouro.

De certa forma, a infância moderna é o verdadeiro grande resto da sociedade tradicional na sociedade moderna: as crianças são as únicas que gozam de direitos só pelo fato de serem pequenas, ou seja, de terem nascido crianças. Uma infância feliz é a única coisa à qual teríamos direito de nascença.

Isso é o que parece à primeira vista. Mas o verme da modernidade está no encanto desse jardim reservado, onde artificialmente contemplaríamos nossas crianças felizes.

A infância não oferece só um prazer estético: a imagem da felicidade infantil tem também outra função. Essas crianças felizes são também encarregadas de dar um sentido a nossa corrida social — garantindo que, embora incompleta, ela será continuada. Elas são as herdeiras de nossos anseios, de nossa insatisfação constitutiva.

Portanto nos deleitamos na imagem de sua felicidade, como se esta nos consolasse de nosso fracasso. Ou, melhor ainda, como se demonstrasse nosso sucesso: fracassamos nós, mas elas são felizes e seguirão sendo, dando assim completude a nossas falhas.

Por isso mesmo precisamos lutar para que nossos anseios passem para elas nas melhores condições possíveis, ou seja, com a maior chance de serem satisfeitos por elas no futuro.

Paradoxalmente, as crianças devem ao mesmo tempo ser felizes e se preparar ativamente para conseguirem tudo o que nós não conseguimos. A transmissão dessa tarefa é crucial, constitutiva da infância moderna, que portanto não é só uma imagem estática de felicidade, mas uma espécie de promessa.

Por isso, a modernidade pode ser paradoxalmente hiperprotetora e violenta com suas crianças: ela venera, protege as que têm condição de ser portadoras da promessa, ou seja, mandatárias dos sonhos dos adultos. E pode brutalmente deixar cair, abandonar, aquelas que por qualquer razão não têm ou parecem não ter condição de realizar um dia nossas esperanças (o único corretivo a essa brutalidade é que sempre sobra algum gosto estético de ver crianças felizes).

Por isso também a modernidade sofre de contradições pedagógicas: como preparar as crianças para o futuro sem comprometer a imagem de sua felicidade? Surge assim a utopia do aprender prazeroso, da aula que seria eficaz como um cursinho acelerado e divertida como um jogo de jardim da infância. Essas contradições não ajudando, a preparação fica cada vez mais longa e laboriosa.

Quanto mais a infância se afasta de um simples consolo estético, quanto mais é encarregada de preparar o futuro, ou seja, de se preparar para alcançar um (impossível) sucesso que faltou aos adultos, tanto mais ela se prolonga. Isso inevitavelmente força a invenção da adolescência, que é um derivado contemporâneo da infância moderna.

## A ÉPOCA DA ADOLESCÊNCIA

Aos poucos, os adultos verificam que essas crianças que estão se preparando já são um pouco crescidas, à força de esperar. Elas constituem uma nova mistura, inédita. Os adultos tentam mantê-las protegidas e felizes, assistidas, no mundo encantado da infância, sem obrigações e responsabilidades. Por outro lado, elas se parecem cada vez mais com os adultos, pelo tamanho, pela maturação de seus corpos e pelas exigências de sua felicidade e de seus prazeres, que não são mais brinquedos e historinhas, mas, por exemplo, sexo e dinheiro — segundo eles vão aprendendo. Além disso, a própria pressão preparatória se torna parecida para essas crianças com a pressão da corrida adulta.

Aparece assim uma semelhança inédita entre os adultos e essas supostas “crianças” que já têm corpos, gostos, vontades, prazeres e alguns deveres muito parecidos com os nossos.

Cada vez mais, o olhar dos adultos se desloca das crianças para os adolescentes, pois o espetáculo de sua felicidade é de fato mais gratificante. Se conseguirmos realizá-la mantendo os adolescentes protegidos e irresponsáveis como crianças, mas com exigências e voracidades de adultos, eles vão nos oferecer um show bem parecido com a felicidade que gostaríamos aqui e agora, para nós.

A imagem da infância encantada nos deleita porque nos consola e contém uma promessa. A imagem da adolescência feliz nos propõe um espelho para contemplar a satisfação de nossos ávidos desejos, se por algum milagre pudéssemos deixar de lado os deveres e as obrigações básicas que nos constroem. Ou seja, se pudéssemos ser tão despreocupados quanto gostá-

riamos que fossem nossos adolescentes. Gostaríamos por quê? Para nos oferecer esse show, justamente.

As visões de infância e adolescência se opõem como um erotismo alusivo se opõe à pornografia. Olhamos para a infância como promessa. Procuramos na visão da adolescência o clipe de nossos gozos: “Nossa, se pudéssemos de verdade tirar férias de um jeito que nem adolescente consegue!”

Há certo gênero de filme pornográfico onde as situações extremas filmadas são reais, não atuadas. Pois bem, a adolescência real nos assusta como um desses filmes, em que, de repente, se realizam de verdade fantasias que estão em nós, mas que preferiríamos esquecer.

A infância é um ideal comparativo. Os adultos podem desejar ser ou vir a ser felizes, inocentes, despreocupados como crianças. Mas normalmente não gostariam de voltar a ser crianças.

Com a adolescência que hoje toma o lugar da infância no ideário ocidental, a coisa muda.

O adolescente não é só um ideal comparativo, como as criancinhas. Ele é um ideal possivelmente identificatório. Os adultos podem querer ser adolescentes.

Os adolescentes ideais têm corpos que reconhecemos como parecidos com os nossos em suas formas e seus gozos, prazeres iguais aos nossos e, ao mesmo tempo, graças à mágica da infância estendida até eles, são ou deveriam ser felizes numa hipotética suspensão das obrigações, das dificuldades e das responsabilidades da vida adulta. Eles são adultos de férias, sem lei. Em nossa idealização, seriam turistas sexuais num Terceiro Mundo sem polícia, *bon vivants* gostando de ficar *high* no Afeganistão antes de 1970 ou nos cafés de Amsterdã, compradores em dólares nos supermerca-

dos inflacionados do Quarto Mundo e mesmo assim eternos ganhadores da loteria.

Talvez adoremos mais essa imagem do que a imagem das crianças que nos extasiava. Pois é propriamente uma imagem de nós mesmos gozando, felizes, sem impedimento ou quase. Gostamos tanto que é uma pena nos confinarmos na contemplação estética ou no sonho. Por que simplesmente não imitá-los? Concretamente não é simples, pois quem vai nos dar a mesada? Mas podemos, por exemplo, imitar seus estilos.

A adolescência se torna assim um ideal dos adultos. Ou seja, os adultos não se contentam mais com o consolo oferecido pela visão das criancinhas felizes. Eles encontram nos adolescentes idealizados um prazer menos utópico e mais narcisista. Os adolescentes oferecem uma imagem plausível, praticável.

Idealizar os prazeres da adolescência (que, contrariamente à infância, é imitável) é uma maneira de querer menos consolo com perspectivas futuras (o que a infância oferece) e mais satisfação imediata. Queremos ver os adolescentes felizes porque eles seriam apenas a caricatura despreocupada de nós mesmos. Portanto, atingíveis, a nosso alcance.

Essa idealização não escapa aos próprios adolescentes.

Até a metade dos anos 60, claramente o ideal (inclusive estético) da maioria dos adolescentes era a idade adulta. O que os adolescentes dessa época mais queriam era ser aceitos e reconhecidos como adultos, obter, em suma, pleno acesso à tribo. Isso provavelmente não é diferente do que querem os adolescentes de hoje. Mas, justamente com esse fim, os de então se esforçavam em imitar os adultos. O aniversário (12 ou 13 anos) em que as calças compridas eram autorizadas era esperado como se fosse mais importante ou tão

importante quanto crisma, *bar mitzvah* ou equivalente. As maneiras em público eram, do mesmo jeito, inspiradas pelos adultos. Chegando em casa da escola, os jovens deviam trocar da roupa de rua para a roupa de casa (isso porque se presumia que uma "criança" se sujasse, deitasse no chão etc.).

A vontade frustrada de poder ficar o dia inteiro de paletó e nó de gravata tem como paralelo hoje a grande vontade dos adultos de poderem enfim se vestir como adolescentes nos domingos e mesmo nas sextas-feiras informais permitidas nos escritórios. A vontade de usar sapato amarrado até em casa corresponde hoje à vontade adulta de usar tênis até quando não é a hora de praticar nenhum esporte.

Também os adolescentes dos anos 60 procuravam não só parecer adultos, mas se aventurar em qualidades de experiência adultas. Se possível, mais adultas do que a experiência dos adultos. Algumas atividades adolescentes (desde as brincadeiras até a masturbação) eram culpadas e vergonhosas, não tanto por serem proibidas, mas por serem infantis, ou seja, prova de distância da idade adulta, de falta da maturidade que daria acesso ao reconhecimento social e à independência.

Talvez por isso os adolescentes dos anos 60 acabaram sendo uma geração de indivíduos politicamente engajados, para mitigar e esconder uma vontade de folia atrás da seriedade da consciência social. O ideal deles era a vida adulta. O desejo era não de se conformar aos adultos, mas de não se diferenciar deles por ser infantis, adolescentes.

Atrás desses adolescentes, havia as crianças, que eram aparentemente felizes num mundo de contos de fada e assim ficariam até descobrirem que o que importava era ser adulto. Elas eram idealizadas por todos,

mas como um daguerreótipo da felicidade de outros tempos. As crianças eram decorativas. O ideal eram os adultos, lá na frente.

Isso começou a mudar bem naquela época. Aos poucos, os adolescentes se tornaram o ideal dos adultos. Logo, ao interpretar o desejo dos adultos e procurar descobrir qual seria o sonho deles atrás de seus eventuais pedidos de conformidade, os adolescentes depararam com sua própria imagem. O ideal escondido dos adultos eram eles mesmos, os adolescentes.

Como satisfazer aos adultos, senão sendo mais adolescentes ainda do que já eram?

Fato notável: nestas últimas décadas, as crianças perderam sua especificidade estética. Elas são cada vez menos vestidas como crianças. Tampouco são mascaradas de adultos em miniatura, para antecipar o futuro que se espera para elas. Elas são camufladas de adolescentes. É tanto mais surpreendente (e preocupante quanto às conseqüências) em lugares onde os adolescentes e seus uniformes são símbolos instituídos de uma marginalidade perigosa. Caminhe pela rua 125 em Nova York: sem falta você encontrará, por exemplo, garotos de quatro anos de calças *cargo* ridiculamente largas, mantidas abaixo do cós para mostrar três dedos de cueca, chapéu de beisebol virado para trás ou então, no inverno, capuz por cima da cabeça. Em suma, a caricatura dos membros de uma gangue. Eles não estão vestidos nem de crianças nem de adultos. Estão de adolescentes. O adolescente que eles imitam é o ideal dos adultos que os vestem. Os homens adultos, por sua vez, estão ridiculamente fantasiados do mesmo jeito. Repitam a mesma observação na saída de uma escola primária, comparando as meninas e as mães que esperam o fim da aula. Não é raro que elas compartilhem de uma estética comum.

A estética da adolescência atravessa assim todas as idades. E os continentes. Os adolescentes são os mesmos no mundo inteiro ou, ao menos, no mundo ocidental. Mesmas modas, mesmos estilos, mesmas músicas. Uma mesmice muito americana. De fato, a adolescência foi inventada e vingou nos Estados Unidos. Não seria falso dizer que ela é originariamente americana.

Isso significa apenas que os Estados Unidos mostraram primeiro esse traço de modernidade, dita avançada, pelo qual os adultos preferem sonhar em ser adolescentes a ficar contemplando as crianças supostamente felizes. De qualquer forma, a adolescência é o ideal coletivo que espreita qualquer cultura que recusa a tradição e idealiza liberdade, independência, insubordinação etc. Os Estados Unidos foram aqui a vanguarda do Ocidente moderno.

Aliás, isso explica em parte a incrível expansão da cultura americana na segunda metade do século 20. Pois quem captura a alma dos adolescentes, quem decide dos estilos adolescentes, de fato é mestre dos sonhos dos adultos cuja aspiração é a adolescência.

Paradoxalmente (note-se entre parênteses), essa americanização forçada, que nivela e destrói patrimônios culturais diferentes, pode ter alguns efeitos positivos. Por exemplo, no Brasil *rappers* afavelados conseguem sair da exclusão e participar da adolescência (encarnar para todos uma fatia de ideal) por parentesco com os *rappers* dos guetos americanos.

Nessa situação — em que a adolescência é um ideal para todas as idades e global —, o adolescente se torna um ideal para si mesmo. Ele é empurrado pelo olhar admirativo de adultos e crianças a se tornar cada vez mais a cópia de seu próprio estereótipo. A se marginalizar (ser rebelde) para seguir ocupando o centro de nossa cultura, ou seja, o lugar do sonho dos adultos.

A adolescência, nessa altura, não precisa acabar. Crescer, se tornar adulto, não significaria nenhuma promoção. Consistiria em sair do ideal de todos para se tornar um adulto que só sonha com a adolescência.

Acaba assim a preocupação fundamental do adolescente de ser aceito ou reconhecido pelos adultos como um par. Não precisa mais se preocupar. A adolescência é agora o ideal dos adultos por ser supostamente um tempo de férias permanentes – uma maneira de ser adulto quanto aos prazeres, mas sem as obrigações relativas. Se a adolescência é isso, ela é reconhecida o suficiente. Por que desejar se tornar adulto quando os adultos querem ser adolescentes? E por que desejar o reconhecimento dos adultos, se na verdade são estes que parecem pedir que os adolescentes os reconheçam como pares?

Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmagô dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar.

Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestamente a de rejuvenescer?



## PEQUENA BIBLIOGRAFIA COMENTADA

**P**

ara ler mais sobre o tema e também para percorrer com mais detalhes algumas das etapas que permitiram escrever este ensaio, podem-se apontar três caminhos.

I. O primeiro são os textos nos quais e pelos quais a adolescência se constituiu e cresceu como objeto autônomo de perplexidade, reflexão e pesquisa. Eles contribuíram não só para entender a adolescência, mas sobretudo para fazê-la existir como problema moderno.

• Granville Stanley Hall, *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*. New York: D. Appleton & Co., 1904.

É a obra fundadora dos estudos sobre adolescência. Hall pode ser considerado o criador da adolescência, seu inventor. Ele se preocupou com a precocidade dos jovens de seu tempo, os quais lhe pareciam chegar cedo demais às ruas, às fábricas, aos braços

de parceiros sexuais e também às prisões. De fato, essa precocidade não constituía novidade nenhuma. O que era novo, naquele começo do século 20, era a preocupação de Hall. Ele foi à luta para que os benefícios da infância se prolongassem. Suas palavras foram decisivas para que, aos poucos, os adolescentes fossem escolarizados tão obrigatoriamente quanto as crianças. Inaugurou-se assim uma tendência que hoje empurra a escolaridade obrigatória (e com ela a adolescência) para além dos 20 anos de idade.

Hall considerava a adolescência uma época perigosa e trabalhosa. Mas concebia essas dificuldades como naturais, próprias a uma fase da vida. Concluía, portanto, que os jovens precisavam de proteção por mais tempo do que pensávamos.

Em sua descrição da adolescência, já aparece a mistura de medo e inveja que acompanha até hoje a idealização dessa época da vida.

• Margaret Mead, *Coming of Age in Samoa*. New York: William Morrow, 1928.

A grande antropóloga Margaret Mead respondeu a Hall, mostrando que a adolescência atormentada e difícil não é nenhuma necessidade fisiológica, nenhuma fatalidade, mas uma produção de nossa cultura. Ela descreve uma sociedade nas ilhas Samoa onde a adolescência é uma transição fácil e feliz. Mesmo se a descrição etnológica é hoje discutida (o que não significa contestada), o livro segue sendo um marco no debate sobre infância e adolescência.

• Albert Cohen, *Delinquent Boys: the Culture of the Gang*. New York: Free Press, 1955.

Logo depois da guerra, aparece o clássico de Albert Cohen sobre os jovens delinquentes. Embora Cohen repetidamente afirmasse que sua análise concernia só a garotos de classe operária e membros

de gangues, a idéia da adolescência como oposição delinqüente contra a cultura e o mundo adulto se instalou desde então. Cohen é crucial na constituição do pesadelo do adolescente delinqüente.

- Daniel Offer (com Melvin Sabshin e Judith L. Offer), *The Psychological World of the Teenager: a Study of Normal Adolescent Boys*. New York: Basic Books, 1969.

Em contraponto a Cohen, embora tarde demais para corrigir seus efeitos de desconfiança, Daniel Offer veio lembrar que os adolescentes reais são mais normais do que a “adolescência”. A produção de Offer se estende até os anos 80.

- Erik Erikson, *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987 (original 1968).

Enfim, Erikson entende a crise da adolescência como efeito dos nossos tempos. Para ele, a rapidez das mudanças na modernidade torna problemática a transmissão de uma tradição de pais para filhos adolescentes. Estes devem portanto se constituir, se inventar, sem referências estáveis. Erikson foi o primeiro a usar o termo “moratória” para falar da adolescência. Também foi um dos raros a perceber que a crise da adolescência se tornava muito difícil de administrar, já que o mesmo tipo de crise começava a assolar os adultos modernos.

II. O segundo caminho é o das produções culturais que instituem a adolescência como ideal social. A idealização da adolescência é preparada pela idealização da infância insubordinada. O exemplo mais famoso, ainda do século 19, é o Huckleberry Finn de Mark Twain (há várias edições portuguesas disponíveis de *As Aventuras de Huckleberry Finn*).

Depois da Segunda Guerra Mundial, a figura do adolescente perdido e transgressor assume dignidade literária com *The Catcher in the Rye* de J.D. Salinger em 1951 (*O Apanhador no Campo de Centeio*. Rio de Janeiro: Autor, 1999).

Desde essa época, a vasta produção cultural que idealiza a adolescência é constantemente acompanhada pelo tema narrativo do adulto insatisfeito, querendo voltar a uma adolescência idealizada, feita de liberdade e de crises salutares.

Um dos maiores romances americanos do pós-guerra é *Revolutionary Road*, de Richard Yates (1961), em que a monotonia da vida suburbana se torna intolerável, por causa da urgência de interromper a rotina adulta para poder (sonho adolescente) “se achar”. Querendo dispensar a leitura de Yates (que não foi traduzido para o português), é possível recorrer ao filme *American Beauty*, de Sam Mendes (1999), em que a personagem principal é um herdeiro direto do herói de Yates.

Essa nostalgia adulta da adolescência, que atravessa a segunda metade do século, é a força atrás das mãos que nesse período desenham uma série de retratos ideais de adolescentes. O cinema, pretendendo apresentar ou explicar o que seria a adolescência, ilustra de fato os sonhos adultos sobre a adolescência. Ele nos conta qual adolescente os adultos gostariam de voltar a ser, de ter sido ou de continuar sendo.

A série começa com *Rebel Without a Cause* (*Juventude Transviada*), de Nicholas Ray (1955), com James Dean no papel de um jovem sedento de uma vida mais intensa e verdadeira do que a intolerável fraqueza pequeno-burguesa do pai. Em contraponto, *Picnic* (*Férias de Amor*), de Joshua Logan (1955), nos fala de uma menina, Kim Novak, que, na sua escolha

amorosa, é mais sincera do que a mãe interesseira. O estereótipo do adulto hipócrita que tudo sacrifica a falsos valores é pintado por adultos e para adultos. Em suma, os adultos adoram se ver e julgar pelos olhos do adolescente ideal que eles imaginam nostalgicamente.

Os filmes com Elvis Presley insistem no charme inquietante do adolescente pouco recomendável. O herói de *Jailhouse Rock* (*O Prisioneiro do Rock*), de Richard Thorpe (1957), se torna cantor na cadeia; verifiquem a cara dos pais da moça que se apaixona por ele.

É impossível oferecer aqui uma filmografia da adolescência. Apenas podemos indicar que, depois desse começo, ela poderia terminar com dois filmes. *Kids*, de Leo Fitzpatrick (1995), seria exemplo do ideal de transgressão e de gozo heróico do adolescente. Do outro lado, estaria *American Pie*, de Paul Weitz (1999), como exemplo de uma visão da adolescência engraçada e mais próxima da realidade. É instrutivo considerar que *Kids* fez sucesso com adolescentes e adultos. *American Pie* seduziu apenas os adolescentes.

Sobre a constituição do ideal adolescente nos Estados Unidos dos anos 50, vale conferir (no mínimo em sua segunda parte):

Luisa Passerini, *A Juventude, Metáfora da Mudança Social. Dois Debates Sobre os Jovens: a Itália Fascista e os Estados Unidos da Década de 50*, em: *História dos Jovens*, vol. 12, "A Época Contemporânea". São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

III. O terceiro caminho é o da história da infância e da mudança cultural que levou o Ocidente a amar as crianças de uma maneira tão especial. No texto é feita referência a:

Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981 (original 1960).

Philippe Ariès, *Homem Perante a Morte*, 2 vol. Lisboa: Europa-América, s/d.

## SOBRE O AUTOR

Contardo Calligaris é psicanalista, doutor em psicologia clínica (Université de Provence) e colunista da *Folha de S. Paulo*. Italiano, hoje clinica e vive entre Boston e São Paulo. Ensinou estudos culturais na New School de Nova York e foi professor convidado de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Seus livros mais recentes em português são *Crônicas do Individualismo Cotidiano* (Ática) e *Hello Brasil! Notas de um Psicanalista Europeu Viajando ao Brasil* (Escuta).

